

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

RÍVIA BISPO PAIXÃO

**DANÇA NA NATUREZA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM
POR MEIO DA IMPROVISAÇÃO EM DANÇA**

Aracaju

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

RÍVIA BISPO PAIXÃO

**DANÇA NA NATUREZA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM
POR MEIO DA IMPROVISAÇÃO EM DANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a banca avaliadora como requisito à conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe para obtenção do grau de Licenciado em Dança. Orientadora: Prof. Msc. Thábata Marques Liparotti

Aracaju

2024

AGRADECIMENTOS

Sinto-me orgulhosa e grata por toda persistência, aprendizado e por ter dado o meu melhor durante esses intensos anos dentro da UFS. Para o desenvolvimento desse trabalho contou com a ajuda de muitas pessoas, dentre as quais agradeço:

Primeiramente, a Deus por me manter de pé e me fortalecer do princípio até aqui.

Agradeço a minha família, reconheço que sem a ajuda de vocês a caminhada teria sido bem mais árdua ou nem possível.

Em especial, aos meus pais, Reinaldo e Jarinete, minha base, que me incentivaram a todo momento e me ampararam diante das dificuldades, tanto de forma afetiva como financeira. Eles abriram mão de conviver comigo diariamente para me ver dando novos passos e voos longe do nosso interior São Domingos. Compreendendo a ausência, as preocupações e todo cansaço. Como foi difícil ficar longe de vocês. Esse processo foi nosso!

Aos meus avós, Zezé e Nete, que tanto se encherem de orgulho e que tanto estiveram ao meu lado, com palavras de incentivo, afeto, cuidados com a saúde e orações. Ao meu tio, José Hudson, que compartilhou comigo momentos de compreensão, nervosismo e alegria, diminuindo as minhas tensões com todo o seu amor e zelo.

Aos meus irmãos, João Henrique e Rayanne, que seguraram minha mão quando o cansaço da caminhada me atingia e pela compreensão das minhas ausências. Juntamente com os meus sobrinhos, Davi e Ísis Lorena, que mesmo pequenos não imaginavam o quanto foi sofrido pra mim a saudade de não estar perto todos

os dias e o quanto os abraços e risadas juntos foram um gás para continuar caminhando.

Ao meu esposo, Rafael, que chegou no fim da minha jornada, mas já no meu período de quase desistência e assim me encorajou a continuar e a finalizar esse ciclo. Sendo, também, parceiro em casa e nas demandas quando necessitei me ausentar para continuar a caminhada. Obrigada, meu amor.

Ao meu primo Rondineli e sua esposa Jaqueline, que durante dois períodos abrigaram-me em sua casa, mostrando os primeiros passos e ensinando os percursos e possíveis problemas que poderia encontrar no meu dia a dia em Aracaju. Cuidaram de mim e sou muito grata por esse gesto sensível e gigante que foi para minha vida.

Ao meu tio Edivaldo que me deu outra oportunidade única da qual sou grata, obrigada também por acreditar e incentivar a graduação que escolhi. E as minhas primas: Ravena Rodrigues, Penélope Souza e Ester Rodrigues. Minhas “Flowers”, com ela dividir alguns períodos da faculdade e juntas aprendemos muito sobre companheirismo, amizade e a vida. Elas me mostraram que até o difícil pode se tornar engraçado, pode se transformar em aprendizado e que não precisamos passar por ele sozinhas.

Um grande obrigada pelas minhas primeiras professoras de balé, Dulce Olga, Vânia Andrade e todos da Escolinha de Dança Olga. Juntas, não só partilhamos e discutimos conhecimento mas também elas abriram portas de emprego e sempre se fizeram presentes e a disposição para qualquer ajuda.

Agradeço aos professores do curso, por tanto conhecimento, estímulo e por todo aprendizado que me fizeram crescer como professora e como artista. Todos

deixaram conhecimento durante minha trajetória no curso e sou grata a cada um. Mas, agradeço em especial, Jonas Karlos, Bianca Bazzo, Carol Frinhani, Jussara Rosa, Edna, Thabata Liparotti e Aline Serzedello, que tive mais interações e agradeço por todo carinho, cuidado, atenção e por minha transformação em ver, pensar e ensinar arte e dança que foram provocações profundas vindo de vocês. Obrigada!

Agradeço, a professora Carol Frinhani, não somente pelo aprendizado através das disciplinas dos componentes curriculares, mas pelo espetáculo Vaca Profana. Ela que é a coreógrafa e diretora do espetáculo o qual participei como intérprete-criadora e também fiz parte da produção e os processos. Este que agregou experiências e transformações enquanto mulher e artista. Aproveito para agradecer ao projeto de extensão em que participei durante a graduação: GDP, que acrescentou no meu processo intérprete-criadora.

Agradeço, a Léo Torres que chamo de forma carinhosa de “pocotinho”, ele que se tornou em alguns momentos o meu coorientador do TCC. Fez parte também antes do TCC com o auxílio no projeto que seria assim o primeiro passo para essa conclusão de trabalho. Obrigada, Léo, pelas provocações durante as pesquisas, pelo afeto, ponto de apoio e paciência quando me sentia incapaz, perturbada ou nervosa. Aproveito para agradecer a Reijane, Lívia e todos que fazem parte do GECA, grupo que aprofundei meus estudos em corpoambiente, realizei vivências e discuti a temática com demais parceiros do grupo.

Agradeço, a minha orientadora Thábata Liparotti pela dedicação e paciência em me acompanhar nesse trabalho, em toda provocação durante as pesquisas e pela sensibilidade de não desistir de mim e me compreender durante todo o processo. Sou grata por todo conhecimento trocado não só durante esse

trabalho, mas também nos ensinamentos durante a graduação. O quanto que pude aprender através de você e o quanto isso me entusiasmou a continuar.

Aos meus amigos que a UFS apresentou, meu grupinho em destaque, Beatriz, Diná, Grace Kelly, Ítalo, Letícia, Lorena, Mikaella, Nívia, Paloma, Tainar, Tílyan, Wanderson. Parceiros que dividir muitas risadas, dúvidas, choros, brincadeiras, trabalhos em grupo, pesquisas, construindo afetos e ajuda durante todo o curso. Pessoas que estiveram comigo além da faculdade, parceiros que também me ensinaram sobre questões da vida.

Desfruto da oportunidade para agradecer a “bilicó”, minha querida Letícia Oliveira, juntas com a sua/nossa “vovó” dividimos um lar por alguns meses e fui cuidada pelos carinhos e ensinamentos delas. Como rimos e dividimos as histórias de nossas culturas diferentes, passamos por problemas, mas seguimos firmes. Obrigada, Lê, por segurar minha mão e me dar essa oportunidade quando as coisas estavam bem exaustivas, o fardo se tornou mais leve para carregar e juntas crescemos nossa amizade com tanta intensidade que não te esquecerei.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar a relação corpoambiente a partir das vivências de campo, observando o processo de ensino-aprendizagem do corpo em movimento e percebendo os ambientes como parceiros de dança no processo de criação artística. Trata-se de um relato de experiência das quatro vivências que aconteceram nos Poções da Ribeira, em Itabaiana/SE e na Cachoeira Mariazinha, na Bahia/SE. Tendo como objetivos específicos improvisar e criar diálogos com esses ambientes naturais experimentando a relação corpoambiente; Observar as percepções do estado corporal e relatar os resultados deste percurso com ênfase no processo de ensino-aprendizagem. Assim, para as reflexões e fundamentação deste trabalho dialoguei com alguns autores: Liparotti (2013 e 2023); Greiner (2005); Laban (1978) a partir dos escritos de Fernandes (2002) Mommenssohn e Petrilha (2006); Santinho (2013) e Neder (2005); Marques (2003). Como resultado, pude aprender nesse processo como o corpo se organiza, tendo em vista que o processo de aprendizagem fez-me entender sobre a prontidão de corpo, sobre a interação com o ambiente, sobre estímulo e resposta. E por fim, entendo que o meu processo-aprendizagem envolve para além das questões de sala de aula/sala de dança mas vai também para onde minha dança estiver.

Palavras chaves: Dança. Improvisação. Corpoambiente. Vivência de campo. Ambiente natural.

ABSTRACT

This work has the general objective of describing and analyzing the body-environment relationship based on field experiences, observing the teaching-learning process of the body in movement and perceiving environments as dance partners in the process of artistic creation. This is an experience report of four experiences that took place in Poções da Ribeira, in Itabaiana/SE and Cachoeira Mariazinha, in Bahia/SE. With specific objectives to improvise and create dialogues with these natural environments, experiencing the body-environment relationship; Observe perceptions of body condition and report the results of this journey with an emphasis on the teaching-learning process. Therefore, for the reflections and justification of this work, I spoke with some authors: Liparotti (2013 and 2023); Greiner (2005); Laban (1978) based on the writings of Fernandes (2002) Mommenssohn and Petrilha (2006); Santinho (2013) and Neder (2005); Marques (2003). As a result, I was able to learn in this process how the body organizes itself, considering that the learning process made me understand about the body's readiness, about the interaction with the environment, about stimulus and response. And finally, I understand that my learning process goes beyond classroom/dance room issues but also goes wherever my dance is.

Keywords: Dance. Improvisation. Body environment. Field experience. Natural environment.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Ribeira. Fotografia retirada do site da internet. 2022.....	15
Imagem 2: Programada e registrada na chegada à Ribeira. 2019. Foto: fotografada no modo selfie.....	17
Imagem 3: Poções. 2019. Foto: Rívia Paixão.....	19
Imagem 4: Preparação para travessia. 2019. Foto: Joelio Moura.....	21
Imagem 5: Início da travessia. 2019. Foto: Rohana Almeida.....	22
Imagem 6: Após um grande escorregão. 2019. Foto: Rohana Almeida.....	24
Imagem 7: Começo da improvisação. 2019. Foto: Priscila Santos.....	26
Imagem 8: Improvisando de quatro apoio. 2019. Foto: Priscila Santos.....	27
Imagem 9: Improvisando com a árvore. 2019. Foto: Priscila Santos.....	29
Imagem 10: Improvisando entre sol, pedras e areia. 2019. Foto: Priscila Santos.....	31
Imagem 11: Momento da volta. 2019. Foto: Joelio Moura.....	33
Imagem 12: Uma das cachoeiras da Mariazinha. 2020. Foto: Rívia Paixão.....	35
Imagem 13: Sentindo a água gelada nos pés. 2020. Foto: Phenélope Souza.....	37
Imagem 14: A cachoeira. 2020. Foto: Rívia Paixão.....	38
Imagem 15: Árvores e pedras escorregadias. 2020. Foto: Rívia Paixão.....	39
Imagem 16: A força da queda d'água. 2020. Foto: Rívia Paixão.....	40
Imagem 17: Concentrando-se para experimentação. 2020. Foto: Phenélope Souza.....	43
Imagem 18: O troco sobre a rocha. 2020. Foto: Phenélope Souza.....	44
Imagem 19: Passagem para o nível médio. 2020. Foto: Phenélope Souza.....	44
Imagem 20: Muita chuva. 2020. Foto: Thabata Liparotti.....	46

Imagem 21: Chegando ao Povoado Ribeira. 2020. Foto: Reijane Santos.....	49
Imagem 22: Iniciando o experimento. 2020. Foto: Leandro Torres.....	52
Imagem 23: Buscando o equilíbrio. 2020. Foto: Leandro Torres.....	53
Imagem 24: Mudança de rocha. 2020. Foto: Leandro Torres.....	55
Imagem 25: Iniciando em uma área de risco. 2020. Foto: Leandro Torres.....	56
Imagem 26: O corpo quase completo dentro d'água. 2020. Foto: Leandro Torres.....	57
Imagem 27: Entre o seco e o molhado. 2020. Foto: Leandro Torres.....	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. RELATO VIVÊNCIA 1.....	15
2.1. POÇÕES DA RIBEIRA.....	15
2.2. INVESTIGANDO O LOCAL.....	16
2.3. TRAVESSIA.....	20
2.4. PREPARAÇÃO PARA OS EXPERIMENTOS.....	25
2.5. ÁRVORE.....	29
2.6. AREIA, PEDRAS E SOL.....	31
2.7. O QUE EU APRENDI NESSA VIVENCIA?.....	34
3. RELATO VIVÊNCIA 2.....	35
3.1. CONHECENDO O LOCAL.....	35
3.2. CHEGADA.....	36
3.3. EXPERIMENTAÇÃO DENTRO DA ÁGUA.....	38
3.4. FORA D'ÁGUA.....	43
3.5. O QUE EU APRENDI NESSA VIVENCIA?.....	45
4. RELATO VIVÊNCIA 3.....	46
4.1. COMEÇANDO A CAMINHADA.....	46
4.2. RAIO!!!.....	48
4.3. NUNCA VESTI UMA ROUPA TÃO RÁPIDO!.....	48
4.4. 3KM CAMINHANDO.....	48
4.5. O QUE EU APRENDI NESSA VIVENCIA?.....	50
5. RELATO VIVÊNCIA 4.....	51
5.1. PLANEJAMENTO.....	51
5.2. PRIMEIRO MOMENTO.....	52
5.3. INSTABILIDADE.....	54
5.4. EXPERIMENTANDO O RISCO.....	56

5.5. O QUE EU APRENDI NESSA VIVENCIA?.....	59
6. PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	60
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe trata-se de um relato de experiência. Proveniente das vivências criativas em Dança dentro de ambientes naturais do estado de Sergipe como práticas de ensino-aprendizagem pautadas nas relações-interações entre o corpo que Dança e os ambientes.

Tem como objetivo geral descrever e analisar a relação corpoambiente a partir das vivências de campo, observando o processo de ensino-aprendizagem do corpo em movimento e da dança. Percebendo os ambientes como parceiros de dança no processo de criação artística. E tem como objetivos específicos improvisar com o ambiente dos Poções da Ribeira e da Cachoeira Mariazinha experimentando a relação corpoambiente; Criar diálogos com esses ambientes; Observar as percepções do estado corporal em fase inicial antes, durante e depois da interação com outras pessoas ou com o próprio ambiente; Relatar os resultados deste percurso com ênfase no processo de ensino-aprendizagem, nos movimentos e na dança propriamente dita.

Assim me proponho a seguinte questão: Como analisar e descrever a minha relação corpoambiente a partir das vivências de campo, observando o processo de ensino-aprendizagem do corpo em movimento e da dança? Durante a escrita deste trabalho busco a partir dos meus relatos descrevendo a analisando minhas vivências responder a este questionamento.

Assim, assumo que este trabalho é um relato de experiência em que vou narrando como este processo ocorre a partir dos meus movimentos, registros, percepções e memórias. Para o desenvolvimento das experiências relatadas durante quatro meses foram realizadas quatro vivências de campo. A vivência de campo é a ida *in loco* e imersão num ambiente natural, em que no decorrer de um dia, realizam-se experimentos relacionados à pesquisa do movimento e improvisação.

Assumo o modo de escrita corpoambiente por entender que esta relação está amarada e emaranhada durante o meu percurso e meu entendimento teórico. Assim como afirma Liparotti (2023):

Corpo Ambiente, corpo-ambiente, corpo e ambiente, corpoambiente. Durante meu percurso acadêmico desde o meu trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Artes do Paraná as palavras corpo e ambiente me movem e, por isso, já utilizei todas as grafias que citei. A última delas corpoambiente é a que estou assumindo nesse momento, pois entendo que ela os imbrica, os coloca juntos e enfatiza a relação, a troca, a codependência e as coimplicações indissolúveis. Assim costuro-os em meu modo de escrever corpoambiente. (LIPAROTTI, 2023, p. 48)

Para as reflexões e fundamentação deste trabalho dialoguei com os seguintes autores: a respeito da relação corpoambiente utilizei Liparotti (2013 e 2023) e Greiner (2005); sobre os fatores de movimento utilizei os estudos de Laban (1978) a partir dos escritos de Fernandes (2002) Mommenssohn e Petrilha (2006); para respaldar os diálogos sobre improvisação, contato improvisação utilizei Santinho (2013) e Neder (2005); e para dialogar sobre os processos de ensino-aprendizagem em Dança utilizei Marques (2003).

O estudo foi desenvolvido juntamente com o Grupo de Estudos Corpo e Ambiente (GECA) sob coordenação da professora Thábata Liparotti no período do mês de setembro de 2019 até março de 2020 do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe:

O Grupo de Estudos Corpo e Ambiente (GECA) foi criado a partir da disciplina Corpo e Ambiente do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se de um desdobramento desta, pois inicialmente não tive a intenção de criar um grupo de estudos, mas, ao ver os trabalhos e me surpreender positivamente com o resultado da primeira disciplina ministrada, resolvi convidar os alunos que se destacaram em seu processo e que pareceram sensibilizados com a implicação corpoambiente para assim dar prosseguimento e aprofundar os seus estudos.

Neste grupo reúnem-se interessados em investigar e estudar as implicações corpoambiente na dança a partir da tríade artistapesquisadoreducador. Assim, os trabalhos produzidos no grupo podem ser trabalhos acadêmicos, artísticos, pedagógicos ou que transitem entre as três esferas. (LIPAROTTI, 2023, p. 114)

Entrei no Grupo em 2019 e permaneci até o ano de 2021. Nós realizávamos encontros e diálogos sobre estudos corpoambiente, discutindo sobre improvisação, dança contemporânea, estudo do movimento. Durante a pandemia através da coordenação de Thábata e Reijane realizamos uma pesquisa sobre a rotina em isolamento, o quanto o contato com a natureza foi

ainda mais importante durante esse período, pesquisamos então movimentações. Elaboramos e apresentamos um videodança titulado ATERRA¹.

Este envolvimento, estudos e produções contribuíram para a escolha do meu tema de TCC, bem como colaboraram com o desenvolvimento deste trabalho. A partir do GECA aprofundei meus estudos em corpoambiente, realizei vivências e discuti a temática com demais parceiros do grupo.

Assim as vivências de campo ocorriam como atividade do GECA, em que cada participante desenvolvia sua pesquisa pessoal ou ia em colaboração com alguma das pesquisas em vigência. As saídas ocorriam a partir da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e se concentraram em três idas aos Poções da Ribeira, no município de Itabaiana/SE. Uma única vivência ocorreu na Cachoeira da Mariazinha, no município de Utinga/BA fora do estado sergipano. As vivências tinham duração de 6h à 10h que abarcaram os percursos de ida e volta até a UFS e atividades realizadas nos locais escolhidos para os experimentos criativos na natureza.

O local Poções da Ribeira foi escolhido por ser mais próximo de Aracaju/SE assim teríamos um acesso mais fácil, tanto pelo trecho percorrido com o veículo da universidade como o percurso de trilha é curto. Neste ambiente natural tem rio, poços, paredões de rocha com diversidades que permite a investigação de movimento que não é possível ter na universidade.

Vale ressaltar que a vivência da Cachoeira da Mariazinha ocorreu por aproveitar uma oportunidade de viagem pessoal. Sozinha, porque essa cachoeira, momento da realização do TCC, me senti motivada a experienciar neste ambiente, mesmo que num contexto pessoal.

¹ ATERRA foi um videodança apresentado e publicado no Trilhas Digitais do VI Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança.

2. RELATO VIVÊNCIA 1

2.1 POÇÕES DA RIBEIRA

Fica situado no Povoado Ribeira na região do município de Itabaiana/SE, a 53 km de Aracaju/SE. Este povoado aparentemente é tranquilo em trafegar e com casas coloridas, para chegar ao Poções da Ribeira após entrar no Povoado é preciso percorrer mais 3km em uma estrada pedregosa.



Imagem 1: Ribeira.

Como na foto acima é possível ver, o nome Poções é dando por ter a aparência de um poço com água escura que fica no meio de paredões de pedras. Através do meu olhar, nesse ambiente natural, foi importante ter acesso a este ambiente que como pesquisadora abrange da UFS não tem como vivenciar dentro da Universidade. Portanto, a locomoção para as vivências foi de extrema importância para o estudo corpoambiente.

2.2 INVESTIGANDO O LOCAL

No dia 13 de setembro de 2019 saímos da UFS em São Cristóvão/SE para a Ribeira pertencente ao município de Itabaiana/SE para a vivência de campo². Necessitei preparar o corpo para conseguir absorver os estímulos que foram sendo apresentado no ambiente e, assim, aproveitar todo o tempo como uma experiência para meu processo criativo. A vivência começa desde a saída de casa, pois o corpo reage de outra maneira, no meu caso, devido à ansiedade necessitei descansar bem para que estivesse preparada para os desafios. Como também foi importante ir me concentrando durante todo o percurso de locomoção.

O preparo é um estado de quietude e contemplação, como caminhar em silêncio até ambientes naturais. Esse estado em nenhuma hipótese é menos importante do que exercícios técnicos específicos, que podem ser realizados, desde que surjam de uma necessidade somático-performativa, isto é, conectada com um impulso interno de sensação-intuição-pensamento-sentimento naquele *espaçotempo*. (Fernandes, 2018, p. 181)

Além disso, como podemos observar na imagem 2, éramos um grupo de nove pessoas: Felipe Félix, Joélio Moura, Leandro Torres, Lívia Dantas, Priscila Santos, Rohana Almeida, Rívia Paixão, Thabata Liparotti e Wanderson Aurelio. Que contribuíram através de registros fotográficos não somente com a minha pesquisa mas também, com as pesquisas de Lívia Dantas e Thábata Liparotti.

² Vivência de campo é uma atividade realizada pelo GECA com duração de aproximadamente dois turnos (manhã e tarde) com o intuito de investigar movimentos na natureza em ambientes naturais escolhidos.



Imagem 2: programada e registrada na chegada à Ribeira. Arquivo pessoal.

O grupo estava em aberto e a disposição para amparos tanto no suporte dos registros fotográficos e as filmagens como também no apoio para a locomoção na Ribeira. Já que todos fazem parte do GECA tem todo o cuidado, experiência e preparo com a interação neste meio. Além das trocas de informações, conversas, suporte para os estudos, nos *feedbacks* e em qualquer apoio que fosse necessário. Desta forma, eu senti que tive espaço e apoio para desenvolver minha pesquisa.

A chegada a Ribeira deixou-me eufórica por ser um ambiente novo para mim, assim que chegamos, fiquei admirada pela paisagem, parecia um santuário calmo, escondido e sereno. O ambiente é composto por árvores altas, folhas secas, um regado e rochas. Ao descer do ônibus meu olhar queria capturar de forma plena todo aquele cenário de possibilidades artísticas e de experimentação que iria fazer parte desse trabalho durante alguns meses.

Desse modo, caminhei devagar para uma árvore muito alta que foi a primeira visão que capturei. Lá estava eu... Parada com a mochila nas costas quase tocando a árvore, em cima de uma das raízes que sobressaía do solo, tentando decidir se observava tudo que conseguia ver ao meu redor ou se focava nos sons do ambiente. Como afirma Marta Bezerra (2021, página 67):

Esse jogo da percepção nos faz aprender de nós mesmos e, gradativamente, se revela enquanto oportunidade de aprendizagem de si e do mundo. Ali, o “Eu”, indivíduo considerado particular, entre gestos e silêncios, entre a terra e a lama, entre a pedra e a areia, entre a água e o ar a tatear e a sentir o “Outro” ser vivo.

Com isso, senti que deveria fechar os olhos para que outras sensações tomassem à frente, não somente a visão. Assim, ouvi sons de pássaros, as folhas das árvores que tocavam umas nas outras por causa do vento, os sons das folhas secas quando as pessoas pisavam sobre elas, vozes humanas, queda d’água um pouco mais longe... Toda essa junção me soava harmônica.

Propus no primeiro momento me permitir sentir... sentir... apenas sentir. Sentir o vento frio passando pelo corpo e levantando meus cabelos de forma embaraçada, inspirando fundo e expirando lentamente três vezes seguidas. Abrir os olhos ainda sobre a raiz e visualizei, não muito longe de onde estava, um regato de águas escuras e tranquila. Para chegar ainda mais próximo dele o chão tinha uma pequena ladeira cheia de folhas secas no chão e pedras soltas entre as árvores.

Através disso, nota-se o diferencial de sair de uma sala de aula para ir a campo. Ambientes como a Ribeira, nos fazem experimentar o risco, o diálogo constante e as respostas como ajustes corporais. Pela diferença do solo este nos exige outras organizações musculares que não necessitamos em uma sala de Dança. As folhas, por exemplo, eram escorregadias e com essas interferências o corpo reage e se adapta.

A auto-organização é assim considerada uma estratégia adaptativa utilizada por muitas espécies vivas e mesmo por sistemas não vivos. Pode ser explicada como a ideia de que um sistema complexo pode reagir a um ruído em busca de uma nova organização. Isso quer dizer que desenvolvendo mecanismos de criação e organização a partir do ruído, ou da instabilidade, há um aumento da complexidade e da adaptação há um aumento da complexidade e da adaptação. (Liparotti, 2013, p. 63)

Observei que tinham vestígios de pesca e alguns lixos poluindo o local. Do lado direito do rio (de acordo com a minha posição) havia um paredão de rocha dentro da paisagem que dificultava o nosso acesso para o restante do regato e o lugar que já tínhamos escolhido para experimentar, porque teríamos então que escalá-lo e na esquerda tinha muitas árvores. Virei para trás e tinham mais árvores e folhas que cobriam o chão de areia parecendo um tapete.

Juntos e em grupo caminhamos até a rocha mais baixa que era possível ver que tinha um caminho estreito que ia subindo e daria para visualizar os Poções. Durante esse percurso curto fui notando que meu tênis não era muito apropriado para passar por aquelas rochas escorregadias e com algumas vegetações um pouco úmidas, deveria ser um tênis menos derrapante, apropriado para trilha.

Assim que chegamos foi possível observar os poções. Havia paredões de rochas com aspectos irregulares e vegetação seca, os Poções de águas escuras ficam entre elas. Também era visível uma pequena queda d'água e um caminho que tinha um córrego e que não dava para enxergar o final, pois havia uma curva que só era possível ver um paredão de rocha atrás. Como é possível visualizar na imagem 3.



Imagem 3: Poções. Registrada por Rívia Paixão

Com essa foto é possível visualizar como é a paisagem da Ribeira. Estava tendo então, minhas primeiras impressões sobre este ambiente, que a partir de então, seria o local de vivências, trocas e reflexões nesse relato de experiência. Mas esta jornada estava apenas começando...

2.3 TRAVESSIA

Chegou, então, o momento da travessia...

Para chegar até a água, tínhamos duas possibilidades: ir nadando pelo Poço maior ou por ir caminhando pelas rochas que contornam o Poço. Decidimos ir pelas rochas, tínhamos mochilas que não queríamos molhar, então pela água não era uma opção. O paredão que ladeia o poço requer um percurso lateral sobre as rochas, quase uma escalada. Como éramos um grupo de nove pessoas, fomos intercalados para que pudéssemos ajudar um ao outro no que fosse preciso.

Primeiramente posicionamos as mochilas no nosso corpo de forma confortável para que não atrapalhasse em nenhum momento, fomos em silêncio para que pudéssemos aproveitar os sons daquele ambiente, para ajudar na concentração e percepção do corpo durante a locomoção e em caso de emergência seria mais fácil saber quem estava precisando de ajuda.

Como a professora Thabata Liparotti já teve experiências na Ribeira havia lugares já pré-definidos para escolher as interações. Para que fosse possível chegar na área de experimentação escolhida, era preciso descer o primeiro paredão, como é possível observar na imagem 4. Já na descida percebi que necessitaria de muita atenção e cuidado. A cada passo para baixo ia me aproximando da parte que forma um grande lago com profundidade que passa dos 2 metros, e como não me considero uma boa nadadora, senti um pouco de medo de cair dentro dele. Fui percebendo que estava tensa e minhas pernas davam umas tremidas de forma involuntária, sensações sensório-motoras normais de quando estamos com medo e receio de alguma situação.



Imagem 4: Preparação para travessia. Registrada por Joelio Moura. Nela aparece de costas para câmera Rívia Paixão, Wanderson Aurelio, Leandro Torres, Felipe Félix, Priscila Santos e Thabata Liparotti.

O ponto desconfortável começou quando iniciamos de fato a travessia. Meu corpo já estava tenso devido o medo da profundidade da água e o tênis deslizante para aquele ambiente. Com isso, necessitava de muita atenção para fazer uma travessia segura, carregando ainda junto com a mochila, além de tentar se adaptar em um ambiente do qual não habitava, não conhecia.

Então, aos poucos comecei a criar estratégias corporais, tentando me encaixar nos visíveis buracos que tinham na rocha, passo a passo, de forma lenta, firme e ao mesmo tempo sutil, aproveitando os deslizamentos que a rocha apresentava em certos pontos.

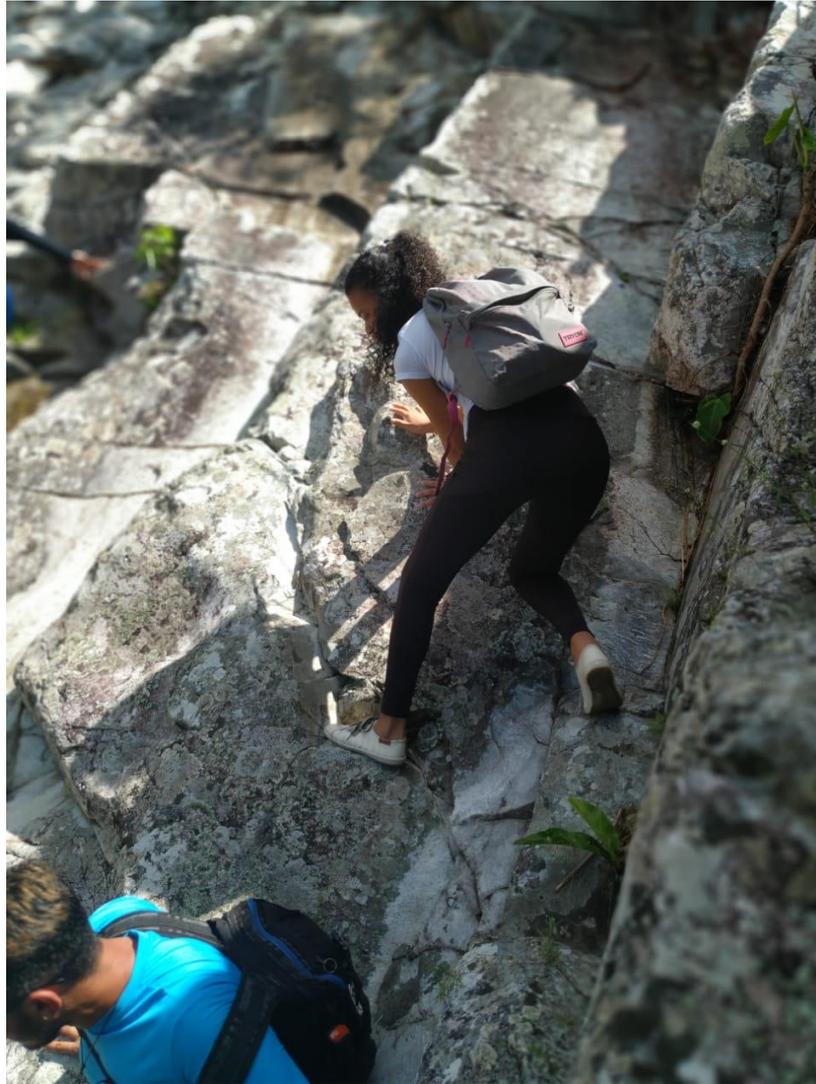


Imagem 5: início da travessia. Registrada por Rohana Almeida

Na imagem 5 nota-se o formato que a rocha tinha e o meu olhar atento para cada detalhe do ambiente. A rocha estava um pouco quente e devido às chuvas estava muito escorregadia e meu tênis não ajudou muito. Diante disso, necessitei de um tempo particular para entender meu corpo naquele ambiente e experimentar os encaixes e desencaixes nesse caminhar que contribuiriam para uma melhor organização do peso, dos apoios e das interações com o ambiente para uma travessia mais segura possível.

Desta forma, a troca de informações e as necessidades ajustes no movimento - nesse ambiente natural - ficou evidenciada, pois eram novas relações e informações para o meu corpo, como Liparotti (2013, p.53) afirma: “Ao captar informações do ambiente, por meio da diferença, o indivíduo tende a

se ajustar produzindo, assim, algum tipo de resposta ao ambiente e estabelecendo uma relação de troca de informações.” (Liparotti, 2013, p. 53)

Escorreguei bastante nesse caminhar, e em um desses deslizos, meu corpo paralisou em um ponto que acreditava que não conseguiria dar mais nenhum passo. Estava sentada com as costas encostadas na rocha, os pés com uma pressão firme contra ela, os dedos das mãos cravados nos buracos da rocha, meu olhar fixo para a água que estava à frente e bem próxima. Entrei em pânico e fiquei inspirando e expirando lentamente para que pudesse continuar... À minha frente estava Leandro Torres que aguardou o meu tempo particular e auxiliou com palavras de encorajamento.

Liparotti (2013) comenta sobre o quanto é necessário ajustar o corpo – tanto enquanto movimentação, como no estado corporal - em um ambiente natural para evitar uma queda: [...] “para que esta não resulte em uma queda o corpo necessita estar alerta para este risco eminente, respondendo de prontidão com um movimento compensatório para a retomada do equilíbrio e do movimento.” (Liparotti, 2013, p. 32)

Aos poucos, fui tentando experimentar outras formas de andar que melhor se organizasse naquele ambiente. Pensei nos animais que possivelmente habitavam naquele local, lembrei-me do “calango³” e como ele se movimentaria. De imediato, distribuir meu peso sobre a rocha, o que possibilitou mais segurança usando a gravidade ao meu favor.

Nesse momento, soltei todo o meu peso na rocha, não mais “resistir” a gravidade. A forma como fui explorando os apoios das mãos e dos pés, relembrou como um calango se movimenta, sem focar naquele momento na agilidade do mesmo. Mas buscar ser as estruturas desse animal. Assim, conseguir sair do lugar aos poucos, concentrando ainda mais na distribuição de peso para a locomoção.

Já no final da travessia, na parte mais complicada de passar, não conseguir distribuir meu peso sobre a rocha, o que favoreceu a perda de equilíbrio e um deslize diretamente para a água que foi pausado com a

³ “Calango” é um termo não científico, se refere a alguns lagartos, abrange mais de uma espécie de réptil, geralmente não agressivos de porte pequeno ou médio.

movimentação rápida e precisa da Professora Thabata Liparotti que estava dando todo o apoio a nossa travessia.



Imagem 6: após um grande escorregão. Registrada: Rohana Almeida

Esta imagem acima foi capturada após o deslizamento onde recebi o apoio de Wanderson Aurelio e Lívia Dantas. Devido ao susto, fiquei agitada e em alerta, e demorei um tempo para que pudesse sentir algumas dores no corpo provocadas pela queda.

2.4 PREPARAÇÃO PARA OS EXPERIMENTOS

Com a chegada ao local onde permaneceríamos para explorar movimentos criativos em dança na relação direta com o ambiente, fomos divididos individualmente para que pudéssemos silenciar e tentar nos encaixar naquele ambiente natural. Necessitei de um tempo maior para desacelerar e interagir com aquele ambiente. Ainda estava assustada com o que tinha ocorrido e precisei também desse tempo para a conexão minha ali.

Após a retirada do tênis, da camisa e da calça, ficando de biquíni, senti o vento um pouco mais frio tocando meu corpo. Na sombra, sentada, com o olhar fixo para frente onde tinha um paredão de rocha, um poço com águas escuras e a esquerda, outro poço um pouco mais distante, fiquei “travada”, raciocinando como iria me movimentar e quais movimentações poderia fazer.

Iniciei com pequenas movimentações, mas não fluía, conseqüentemente, não consegui me mover. Pausei, respirei fundo, sabia que tinha que ir por outro caminho, escolhi ir para o sensitivo. Era meu primeiro contato com aquele ambiente, pensei no contato-improvisação⁴ em dupla é preciso ter um respeito com meu corpo, o corpo do outro e os limites de cada um. Também é preciso permitir-se sentir e tentar conectar-se com os movimentos. Busquei explorar, como Santinho e Oliveira (2013, p. 38) afirmam “improvisar é entendido no contexto artístico como “abrir possibilidades de exploração e experimentação””.

Portanto, fechei os olhos, deitei com as costas sobre a rocha tentando distribuir todo meu corpo naquele chão, e como estava sem camisa senti a textura aparentemente fria que meu corpo reagiu se arrepiando. Tinha também um pouco de limo que deixava o solo escorregadio e em sequência voltei a atenção para os sons do ambiente. Percebi o barulho da água e imediatamente interliguei com a minha respiração e, aos poucos, fui ritmando os dois, tanto o som do ambiente quanto o meu.

⁴ “Seus fundamentos dão origem a uma forma de dança espontânea, sensorial e física na qual duas ou mais pessoas, brincam com o toque e o apoio como base para um diálogo de movimento improvisado.” (Santinho; Oliveira, 2013, p. 4)

Ouvi também um pouco acima de onde estava, o barulho de goteira que vinha das raízes de algumas árvores e seus respingos frios tocavam em mim. Fiquei algum tempo respirando, ritmado o som da água transformando os meus movimentos mais intensos e sentindo os respingos e, aos poucos, senti naturalmente a necessidade de comunicar, de movimentar. Reflito então sobre os escritos de Katz e Greiner (2005), em que as autoras discutem os processos de interação e trocas de informações constantes entre corpo e ambiente, afirmando que o ambiente é um parceiro ativo na criação artística:

O semioticista Thomas Sebeok (1991) salienta que o contexto onde tudo isso acontece é muito importante e que o “onde” tudo ocorre nunca é passivo. Assim, o ambiente no qual toda mensagem é emitida, transmitida e admite influências sob a sua interpretação, nunca é estático, mas uma espécie de contexto-sensitivo. Para quem estuda as manifestações contemporâneas de dança, teatro e performance como processos de comunicação, isso é facilmente reconhecível. Já há alguns anos o “onde” deixou de ser apenas o lugar em que o artista se apresenta, transformando-se em um parceiro ativo dos produtos cênicos. Ao invés de lugar, o onde tornou-se uma espécie de ambiente contextual. (Katz e Greiner, 2005, p. 129-130)



Imagem 7: começo da improvisação. Registrada por Priscila Santos

Iniciei com a respiração ritmada com o barulho da água, aos poucos, os respingos começaram a incomodar devido a temperatura mais fria. Comecei a me mexer de forma rápida e sentia minhas escápulas empurrando a rocha, como é possível observar na “Imagem 6”. Era uma movimentação rápida e de

deslocamento pequeno, enquanto as escápulas⁵ estavam empurrando, minhas pernas dobravam e esticavam fazendo movimentos de vai-e-vem até o tronco. Meus pés iam sentindo a textura da rocha e lentamente pelos dedos e depois o metatarso⁶, tentando “encaixar” nesse espaço pequeno com movimentos sinuosos e deslizantes.

Com isso, tentando respeitar o local onde me apoiava, fui sentindo a textura e temperatura com outras partes do corpo. Iniciei com movimentos sinuosos: virei de frente à rocha e explorei movimentos de sobe e desce com o dorso da mão que perpassavam para os braços com movimentos fluídos e circulares. Passei a dar mais atenção ao olfato para juntar o cheiro do limo e a umidade que ia passando, agora, pelos dedos das mãos.



Imagem 8: improvisando de quatro apoio. Registrada por Priscila Santos

Consecutivamente, explorei os movimentos com as escápulas, fazendo movimentos circulares e pontuando o solo conforme o som da goteira que estava acima da minha cabeça. Ainda de olhos fechados, fui ficando de quatro apoios (as mãos e os pés), como mostra a “Imagem 8”. E busquei aumentar a velocidade da movimentação.

⁵ A escápula, também conhecida como omoplata, é um osso triangular, achatado, localizado na parte posterior do tronco, no dorso, sobre a superfície posterior das costelas 2 e 7.

⁶ O metatarso é uma parte do esqueleto humano que se refere aos ossos longos localizados na parte anterior do pé, entre os ossos do tarso (os ossos do tornozelo) e as falanges dos dedos dos pés.

Experimentei andar nessa posição entre subidas e decidas, tentando ir o mais rápido que podia, fui percebendo que meu corpo estava resistente em aumentar a velocidade, pois estava de olhos fechados e em um ambiente que não conhecia. E, ao ficar de quatro apoios, estava em uma posição diferente da que iniciei, precisei me reorganizar mais uma vez, pois estava me sentindo insegura.

2.5 ÁRVORE

Durante essa tentativa de mudança de velocidade, alguns espinhos me cutucaram, havia uma pequena árvore ao meu lado que não tinha percebido antes. Foi então o momento no qual abri os olhos e com movimentos pontiagudos fui começando a brincar com os braços, a cabeça e os cotovelos numa interação com o galho. Dessa forma, meu tronco tentava se encaixar ou se desafiar em não ficar em posição ereta em um pequeno espaço que tinha entre ela e a rocha. Assim fui ficando com o tronco de cabeça para baixo e vi o ambiente por outra percepção como mostra na imagem 9.



Imagem 9: improvisando com a árvore. Registrada por Priscila Santos.

Com isso mudei a movimentação para fluida e contínua, tentando enrolar nessa pequena árvore com torções, explorando ao máximo esse movimento com minha possibilidade corporal. Segundo Mommenssohn e Petrilha a qualidade de fluência do movimento informa sobre o como deste, assim quando aciono o fator fluência na minha movimentação experimento os sentimentos, emoções e as atitudes que são evocadas a partir desta exploração:

A "atitude" relacionada à fluência é a precisão do movimento, afeta o "sentimento" deste. Fluência é a "emoção" do movimento, ela informa sobre o "como" deste. Faz gerar atitudes internas oníricas, imaginárias, remotas, móveis, por exemplo. (Mommenssohn; Petrilha, 2006, p.125)

Pude notar que experimentar os movimentos criativos na rocha, ficava mais no nível baixo, porque era mais confortável e convidativo. E já na árvore ficava no nível médio para o alto, ela me colocava mais na vertical. Até mesmo em relação a temperatura, na rocha era mais quente do que na árvore, com isso, a forma de distribuição do corpo sobre ela era mais confortável e na árvore meu corpo ficava mais em alerta devido o local e a água fria que caia das raízes. O ambiente me proporcionava mudanças de movimentação e sensações.

2.6 AREIA, PEDRAS E SOL

Para ir até paredão de pedra que havia à minha frente onde o sol estava batendo, foi necessário atravessar a água, passei pelo poço e experimentei um pouco neste outro lado. Era um ambiente mais seco, com areia e com a temperatura mais quente devido não ter nenhuma sombra. Movimentei de outras formas, de quatro apoios e tentando distribuir o peso explorando outras partes do corpo, como as costas das mãos, os joelhos e a cabeça como apoios.

A temperatura mudou o estado do meu corpo e mais uma vez a intenção dos movimentos. Dessa vez, os movimentos eram mais rápidos e expansivos. Ou seja, do outro lado quando encostei a barriga sobre a rocha, a temperatura mais gelada deixava meu corpo mais recuado. Cada vez que tentava ficar mais tempo segurando na rocha, reagia como se eu tivesse empurrando a rocha ao invés de apoiá-la.



Imagem 10: improvisando entre sol, pedras e areia. Registrada por Priscila Santos

Nesta foto acima já estava experimentando o espaço de formas mais “livre”, sem tantos bloqueios, tentei reproduzir alguns movimentos que tinha feito lá em cima com a pequena árvore e com as sensações devido as instigações sonoras. Dessa vez, em um espaço um pouco diferente e que foi um pouco desconfortável e que não se encaixavam, somente em um momento que minhas escápulas moviam com variações de tempo e que estava aproximando com o tempo do barulho que a água fazia.

Essa experimentação através da improvisação por um rápido momento fez-me questionar a necessidade de entrega ao ambiente e à improvisação. Como diz Santinho (2013, p. 38) “Improvisar é matéria viva, ou seja, o ato da improvisação só é apreendido se o improvisador entender que ele é um ato de entrega total ao momento exato da ação, no ‘aqui-agora’”.

Entretanto, quando fiquei em pé experimentei a caminhada de forma lenta até tentar uma corrida. O chão que pisava agora estava quente, muito quente e além de rochas tinham pedras e areia que não permitiam que diminuísse a velocidade, pois o desequilíbrio e a temperatura influenciavam. Percebi que a repetição do movimento, a cada vez que realizava, não era a mesma. O passo era diferente ou o peso estava mais em uma perna do que na outra ou então os braços que balançavam automaticamente, procurando equilibrar, levava-me a movimentar de formas diferentes. Aqui acionei o fator de movimento espaço, percebendo meu corpo ora com foco direto, ora com atenção multifocada:

A "atitude" relacionada com o espaço é a "atenção", e afeta o foco do movimento. O espaço informa o "onde" do movimento. Movimentos flexíveis demonstram menos rigidez e atenção multifocada. Movimentos diretos mostram resistência, objetividade, convencionalismo, por exemplo. (Mommenssohn; Petrilha, 2006, p. 126)

Por alguns instantes, havia esquecido que havia outras pessoas ali até o momento que ouvi alguém cantando, outra pessoa batendo forte na água e que influenciavam também na minha exploração dos movimentos. Meu organismo estava pedindo para dar uma pausa, observei que realmente não estava firme o suficiente e que os meus movimentos em uma sala de dança faziam pouco esforço, para a minha experiência, já naquele ambiente o esforço era dobrado. Tentei ultrapassar meus limites ao ir em outra área mais elevada, mas meu corpo já estava tenso devido as mudanças do solo, do eixo, da minha própria rotina de experimentação de movimento na Dança.

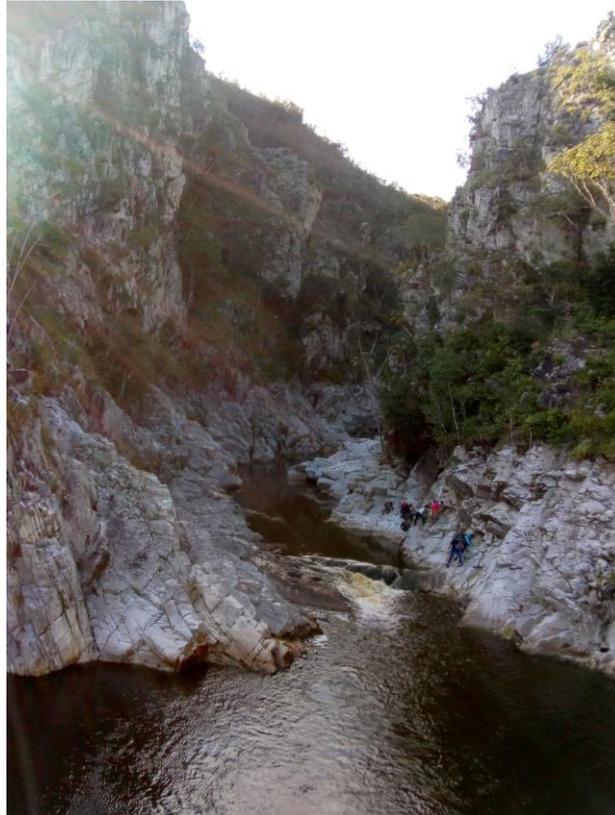


Imagem 11: momento da volta. Registrada por Joelio Moura.

Com a imagem 11, comunico que chegou o momento da volta, minhas pernas estavam pesadas e tensas devido ao esforço que não estava acostumada. Dessa vez, fui sem a mochila e o tênis, acreditando que seria mais fácil e rápido a travessia.

O grupo estava intercalado novamente para o suporte na travessia, porém, foi mais lento e difícil. Algumas pessoas travaram e eu travei mais uma vez, me senti perturbada e desconfortável, mas não demorei como da outra vez para retornar à locomoção.

2.7 O QUE APRENDI NESSA VIVÊNCIA?

Com esse primeiro contato ao Poções da Ribeira notei como o meu corpo fisicamente e emocionalmente foram se transformando antes, durante e depois das experimentações. Mesmo levando em conta que questões de saúde interferiram em meu processo de experimentação e improvisação, pude dialogar com esse ambiente natural de forma mais intensa e aberta, do que nas minhas experiências anteriores em ambientes naturais.

Durante a graduação em Dança vivenciei experiências de improvisação em dança nas disciplinas, em processos criativos, em cursos e oficinas. Experimentei também improvisar em ambientes naturais em vivências proporcionadas por algumas disciplinas, principalmente, na de Corpo e Ambiente. Mas mesmo assim, percebi que meu corpo ainda tinha um certo bloqueio de entrega, foram necessários mais ajustes corporais, sobretudo quando comparo com a improvisação em uma sala de dança.

Portanto, essa vivência foi primeiramente um momento de observação e de entendimento: meu corpo estava em alerta na maior parte da vivência e com um olhar de curiosidade. Aprendi assim, sobre a importância da observação do ambiente, da pausa, da conexão. Aprendi também sobre escuta corporal, escuta esta que vai para além do sentido da audição, mas envolve o tato, o olfato, a visão, bem como o movimento, ou seja, todo meu sistema sensório-motor envolvido em entender, ajustar, perceber, reorganizar.

Aprendi também, sobre possibilidades de deslocamento, sobre riscos, sobre os meus limites. Percebi o quanto os estímulos, seja o calor, seja o som da goteira, sejam os espinhos, afetavam meus movimentos e me provocavam resoluções criativas em ação. Pude observar minhas qualidades de movimento variando, intencionalmente e/ou provocadas pelo ambiente, pelo medo, pela tensão. Aprendi, por fim, sobre o espaço e sobre o meu uso de força.

Foi minha primeira vivência neste estudo, mas tive uma percepção extensa dela, talvez pelo tanto de estímulos que me invadiram e me prepararam/ convidaram para as próximas!

3 RELATO VIVÊNCIA 2: MARIAZINHA – UTINGA/BA

3.1 CONHECENDO O LOCAL

A cachoeira da Mariazinha na comunidade do Riachão fica situada no município de Utinga\BA, localizada na Chapada Diamantina. É um local que possui formações de poços e quedas d'água para banho. A trilha de acesso ao local é fácil, mas é preciso de um ritmo de caminhada, pois há várias subidas e descidas ao longo do caminho.

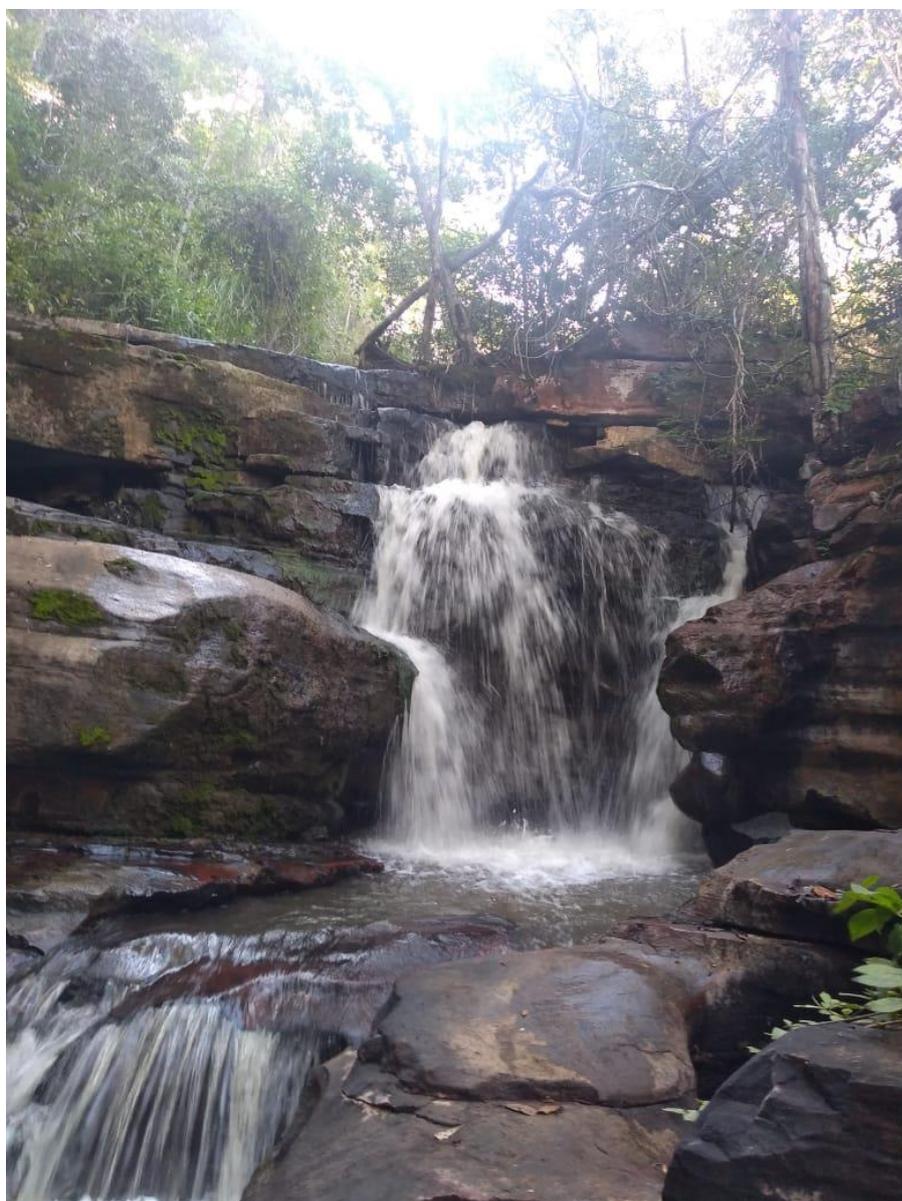


Imagem 12: Uma das cachoeiras da Mariazinha. Registrada por Rívia Paixão

3.2 CHEGADA

No dia 13 de janeiro de 2020 pela tarde, realizei um passeio para conhecer as cachoeiras da Mariazinha juntamente com quatro amigos Ítalo Henrique, João Paulo Lobo, Ravena Rodrigues e Phenélope Souza. Seria meu único contato naquele local e decidi experimentar desde o momento que cheguei. Estava muito ansiosa para conhecer esse local novo.

Não estava com roupas e nem calçados apropriados para trilha, mas mesmo assim insisti, até porque a trilha não era tão difícil. Na chegada, de imediato, foi preciso escalar uma ladeira de barro, com pedras soltas e uma inclinação mais acentuada, o que necessitou uma força maior nos membros inferiores, já foi uma preparação e uma saída do comodismo das organizações musculares cotidianas.

Iniciei a experimentação desde a chegada, tentei brincar e alternar o tempo para a subida entre momentos rápidos, aproximando de uma corrida, e lentos como se estivesse tranquilamente caminhando. Iniciei com a tentativa de corrida, deslizei duas vezes e não conseguir ir na velocidade que acreditava alcançar. O peso do corpo junto com a gravidade me impulsionava para trás, mesmo tentando distribuir o peso para frente.

Aos poucos, fui desacelerando e tentando caminhar tranquilamente, as pernas já estavam cansadas e a resistência do corpo para subir foi maior. Então procurei formas de ganhar forças, dessa vez, o peso do corpo estava distribuído com mais facilidade para frente, mas ainda faltava mais estímulos, usei a região torácica, as escápulas e os braços mais abertos como apoio e na tentativa de distribuição do peso. Nesse momento, senti meus músculos internos trabalhando ainda mais, a respiração já estava ofegante por mais que tentasse controlá-la.

Cheguei a uma superfície um pouco mais ampla, caminhei um pouco e já conseguia ouvir vozes de pessoas, um vento mais frio e um som forte de queda d'água. Fiquei um pouco parada para observar o local e principalmente respirar fundo. Já era nítido a sensação mais úmida e fria em relação aos Poções da Ribeira.

Na minha frente, havia um caminho estreito de terra escorregadio, árvores e plantações ao redor um pouco mais fechada devido às chuvas que tinha acontecido há pouco tempo, por mais que a terra estivesse seca e um caminho aparentemente limpo e sem pedras, meus pés, em alguns momentos, deslizavam. As pernas davam uma “enrolada” e fui percebendo que, em alguns pontos específicos, o chão estava um pouco mais inclinado, por mais que não desse para perceber rapidamente. Acredito que devido as raízes das árvores que eram muitas naquele local.



Imagem 13: Sentindo a água gelada nos pés. Registrada por Phenélope Souza

Nesta imagem 13 estava conhecendo uma das cachoeiras que havia lá. Nota-se a quantidade de árvores que tem e que nessa cachoeira o sol aparecia mais do que nas outras que ainda iríamos ver, era um lugar que havia mais de três cachoeiras. As quatro pessoas que estavam comigo escolheram a cachoeira que não tinha pessoas, então percorremos um trajeto de retorno para

que eu pudesse vivenciar a exploração de movimentos ali sem interferência de banhistas.

3.3 EXPERIMENTAÇÃO DENTRO DA ÁGUA

A cachoeira escolhida tinha uma queda d'água que batia com mais força, tinham muitas rochas grandes e altas, uma parte do solo mais ampla. Essas foram as primeiras imagens que capturei com os olhos.



Imagem 14: A cachoeira. Registrada por Rívia Paixão

Sentada em uma dessas rochas, fechei os olhos e senti a umidade do ambiente, o vento frio que passava pelo corpo, e quando inspirei fundo, senti o ar frio que meu corpo reagiu com encolhimento. Levantei a cabeça, abri os olhos

e percebi que um pouco mais acima, ao redor, existiam muitas árvores grandes que fechava um pouco a claridade e a visibilidade do céu. Quando posicionei a cabeça para frente, havia uma pequena correnteza e trilha que davam para outras quedas, um ambiente que ao mesmo tempo em que era fechado, também tinha alguns caminhos possíveis de passar.

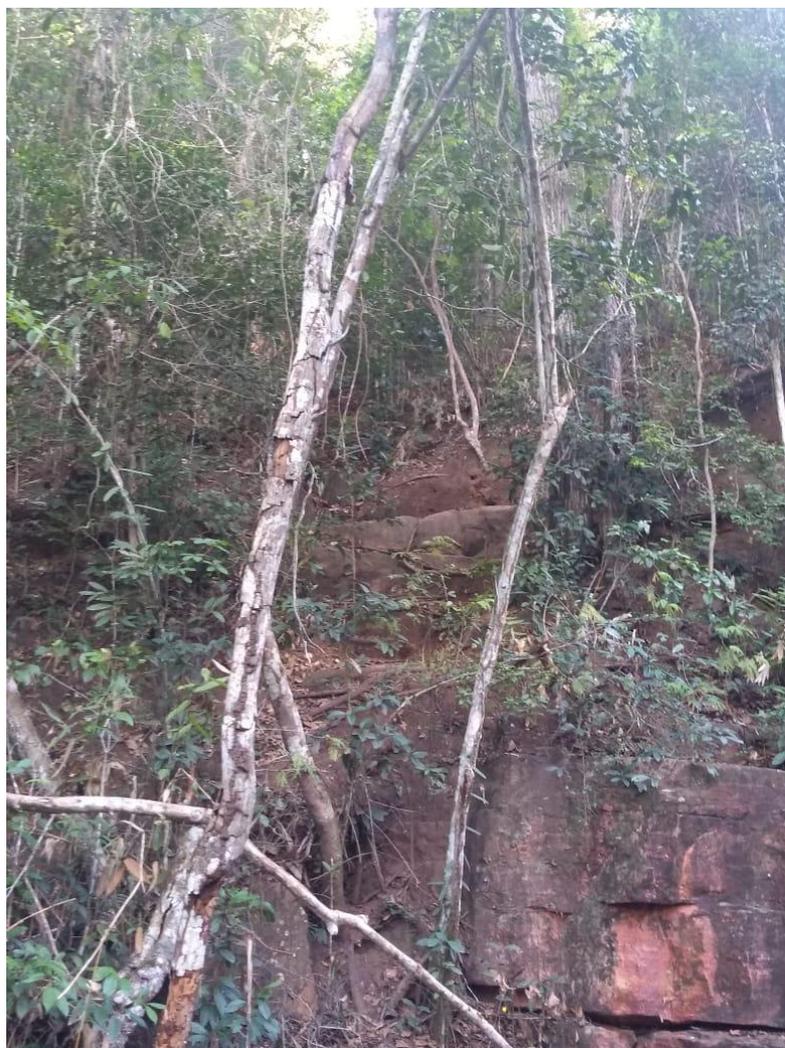


Imagem 15: Árvores e pedras escorregadias. Registrada por Rívia Paixão

Retirei a roupa e fiquei de biquíni, meu corpo estava gelado e estava pensando se realmente entraria na água devido a temperatura. Encarei e entrei na água, senti meu corpo reagir, como se tivesse em alerta e com medo do que não era possível visualizar devido a água ser mais escura. Senti nos meus pés muitas folhas, pedras soltas e areia que a cada passo adentrava entre os dedos. A queda da água realmente era muito forte, havia no meio uma parte que por

mais que houvesse correnteza ainda ficava uma boa quantidade de água até o quadril.

Atravessei a queda da cachoeira e fiquei atrás dela, onde havia uma pedra grande que poderia ficar sentada, não consegui ficar totalmente ereta durante essa passagem, não dava para ver os pés e por ter muitas folhas, areia e pedras espalhadas, escorregava ou batia em uma pedra e caía. Fiquei me locomovendo com movimentações curtas e com o tronco mais no nível médio. Tinha que ir devagar, tentei fazer movimentos sinuosos com os dedos dos pés, bem devagar, mas o movimento era quebrado, muitas vezes tinham pausas inesperadas com a força d'água que batia na cabeça.



Imagem 16: A força da queda d'água. Registrada por Rívia Paixão.

Quando atravessasse a queda d'água, atrás dela encontrei limos que revestiam toda a rocha desde a parte que encostava nas costas até a parte que dava pra sentar. O som da água era mais fechado, cantei algumas vezes e fazia um pouco de eco, fiquei sentada por algum tempo aumentando a respiração e depois desacelerando, tentando silenciar e ouvir mais o som da natureza.

Percebi que a água que batia no corpo era com menos intensidade e com os olhos fechados, possibilitou que eu fizesse movimentos de balanços, sentada com as pernas próximas ao pé, abraçando-as com o rosto encostado nos joelhos. Aos poucos, sai dessa posição e fui sentindo com as costas a textura da rocha, os movimentos que tentava realizar com mais velocidade não fluíam, o local escorregava muito e com isso o corpo não tinha muita resistência para permanecer movimentando, ou seja, o ambiente ali proporcionava uma movimentação controlada, lenta, sinuosa e mais sensível.

Fechei os olhos e deixei mais uma vez que o som da água me desligasse das poucas pessoas que haviam naquele local. O vento estava frio, a rocha muito fria e devagar fui usando os braços para os primeiros toques, na lateral e o espaço “vazio” a minha frente, agora com movimentos mais rápidos e amplos.

Debruçada sobre a rocha, fazendo movimentação de rolamento que poderia ser feito no chão, mas dessa vez em um plano médio virava de frente para rocha, com as duas mãos paralelas, um braço passava na frente do corpo, devagar ia distribuindo a costas na rocha, abrindo o outro braço fazendo mecanicamente um círculo no ar, tocando a rocha do outro lado e assim sucessivamente, tentando ir acelerando e mais uma vez constatei que nesse nível é mais difícil fazer esse rolamento acelerado.

Fui encontrando formas de não perder o contato físico com a rocha e levantar, tentando não ficar com o tronco totalmente ereto, como se fizesse uma mesinha com a coluna ou empurrasse a rocha com as mãos, intercalando um braço do outro, ora um tocava ora outro levantava como se quisesse alcançar o céu, elevando uma perna de cada vez, fazendo ponta de pé e flex. Assim, cada vez mais, refletia sobre a possibilidade do corpo se reorganizar a partir das informações do meio e entrar em processo de diálogo e adaptabilidade:

A capacidade adaptativa possibilita ao organismo captar informações do seu meio e o reorganizar a partir dessa informação. Os organismos

que lidam, assim, coerentemente com as informações ambientais, principalmente, com as adversidades, possuem mais facilidade a se adaptar (...) (Liparotti, 2013, p. 48)

Desse modo, tentando aproveitar todo o espaço que as rochas tinham, variando do nível médio para quase o nível alto, escorregando os pés e tentando deixar os movimentos interligados e fluidos. O chão era úmido, haviam folhas molhadas e em alguns pontos limos, dessa vez não quis ritmar o barulho da água com o tempo dos movimentos pois quis variar as movimentações.

Optei por fazer movimentos com pé como se ele estivesse jogando água, que nesse caso foi algumas folhas, areia molhada ou o próprio vento, variando a velocidade, abaixando e levantando o tronco com as partes do corpo interligadas e percebendo a distribuição do peso, fazendo uma torção com o tronco, deslizando.

Aos poucos, fui desencostando das rochas e brincando com o desequilíbrio, respeitando o espaço no qual pisava, reorganizando o corpo fazendo algumas resistências e tentando ao máximo ter ligação entre um passo e outro. Brinquei também com os apoios, ereta com dois apoios, com um apoio apenas e tentando controlar o corpo, com três apoios no nível baixo.

Quis brincar também com balanços e pequeninos contratempos. A velocidade dos movimentos foi variada de lentíssimo para lento e um pouquinho mais acelerado do lento (como uma caminhada).

Senti-me que estava dialogando com o que esse ambiente natural tinha a propor, por exemplo, quando improviso com o corpo de outra pessoa além do respeito há uma troca, do meu movimento consigo propor outro para o corpo da outra pessoa e vice versa, tentando encaixar e permitir. Assim, foi com este ambiente, de forma calma e leve, controlado, sustentado e fluido.

3.4 FORA D'ÁGUA



Imagem 17: concentrando-se para experimentação. Registrada por Phenélope Souza.

Na imagem 17 estava concentrando-me para a experimentação fora da água, nesse caso diferente das outras vivências que tive, meu corpo estava molhado e gelado.

Nesse ambiente úmido tentei que os estímulos sonoros interferissem na minha pesquisa, não havia vozes humanas, apenas o ar, sons de pássaros, a queda da cachoeira e os galhos das árvores que batiam um no outro. Iniciei sentada nas rochas com olhos fechados e deixando a respiração conduzir o movimento e então os movimentos lentos foram direcionados para os dedos dos pés que se movimentaram lentamente pisando uma rocha molhada.

Desse modo, fui aos poucos levantando, saindo do nível médio para o nível alto sem perder o contato com a rocha, fiz alguns movimentos de giros e torções, deixando que alguma parte do corpo ainda estivesse em contato com a rocha. Os movimentos foram fluidos e variando com a velocidade.



Imagem 18: O tronco sobre a rocha. Retirada de um vídeo registrado por Phenélope Souza

Essa vivência teve muita relação com a água por ser um local com cachoeira que interferiam muito nos movimentos devido os estímulos sonoros e a umidade do ambiente. Com isso, meus movimentos estavam mais fluídos e sensitivos ao ambiente natural, mesmo o corpo sentindo frio não fiquei paralisada, os movimentos lentos ficam mais extensos.



Imagem 19: Passagem para o nível médio. Retirada de um vídeo registrado por Phenélope Souza

3.5 O QUE APRENDI NESSA VIVÊNCIA?

Fazendo uma relação com a vivência na Ribeira, observei que meu corpo estava mais interativo com o ambiente, mesmo sendo uma nova trilha, mas o corpo começa a entrar em um estado de reconhecer possibilidades de movimentos. Percebi que meu corpo já entendia como deveria pisar, tocar e se permitir estar ali. Nas trilhas, por mais que fossem bem diferentes, meu corpo já compreendia mais ou menos como distribuir o peso, onde poderia machucar ou que parte do ambiente auxiliaria para o trajeto e locomoção. Como Fernandes (2006) mostra que o corpo é um fenômeno em transformação de acordo com a interação com o meio, pois é necessária a troca para que possam se complementar e transformar-se.

E possivelmente, havia mais estímulos naturais para dançar, improvisar e pesquisar. Assim, pude trazer fatores de movimentos com movimentações flexível, direta, com fluência, ou seja, dançando mais. E mesmo os movimentos mais quebrados havia uma intenção e transformação no meu corpo em dança.

E muitos movimentos e interligações não seriam possíveis ou tanto não teriam a mesma intenção se fossem em um chão plano, por exemplo, em uma sala de dança, o quanto não seria a mesma experiência em contato tão direto e sensitivo com a temperatura deste ambiente.

Assim, aprendi e percebi como meu corpo reagia à um clima mais frio, à umidade, e como resposta o encolher e expandir lentamente. Percebi de início uma movimentação controlada, lenta, sinuosa e mais sensitiva. Que pouco a pouco foi ganhando amplitude, explorando níveis espaciais, outros movimentos como giros e torções, mesmo no tempo lento observei e explorei nuances de aceleração e desaceleração e também alguns momentos de extensões.

4 RELATO VIVÊNCIA 3: RETORNANDO PARA POÇÕES DA RIBEIRA

No dia 10 de fevereiro de 2020 saímos da UFS para Ribeira, dessa vez em grupo de quatro pessoas: Lívia Dantas, Reijane Santos, Rívia Paixão e Thabata Liparotti. Era um dia ensolarado e eu estava mais calma do que a primeira vivência e observadora. Durante o percurso de Aracaju à Ribeira fiquei quieta, me concentrando para a vivência.

4.1 COMEÇANDO A CAMINHADA

Chegando no Poções da Ribeira o tempo estava nublado e chovendo, permanecia observadora. Dessa vez, as folhas não estavam secas no chão e sim coladas de tão molhadas. Como de costume, iríamos para o local de experimentação, porém choveu muito forte e meu corpo já reagiu com recuou e medo. Como a rocha estava muito molhada seria ruim atravessar por ela, teríamos que atravessar nadando.



Imagem 20: muita chuva. Registrada por Thabata Liparotti.

Nesta foto estava debaixo de uma árvore em frente há um Poço, neste momento estava chovendo forte e, desde já, o ambiente já tinha outra percepção, precisava de mais cuidado e atenção para os possíveis deslize, aqui estávamos analisando como atravessaria e que todo o planejamento para aquela vivência teria que ser mudado. Pois, outra opção seria ir para outro local que não tinha experimentado antes. Pensando na melhor opção para aquele momento que foi ir para esse novo local.

Retornamos então para o ponto inicial. Estava toda molhada e a roupa estava colada no corpo de um jeito que me deixou tensa pelo contato na pele. Demorei mais tempo para essa nova travessia por ser um local novo e pôr a rocha estar muito escorregadia, já estava desmotivada com tanto vai e vem.

Ajudamos uma a outra e sentamos para conversar sobre as possíveis maneiras de aproveitar aquele dia e aquele local novo. Estava sentada em uma rocha no meio entre dois poços, na minha frente estava o poço maior e as árvores, atrás de mim estava o outro poço.

4.2 RAIÓ!!!

Ainda permanecia sentada de cabelo amarrado, short e top de cores nude, concentrando para iniciar as experimentações. Quando, de repente, um clarão surgiu à nossa frente e um barulho de trovão logo em seguida... SUSTO! Momento rápido de recolhimento, meu corpo imediatamente ficou ativado para procurar como se proteger e apavorado. Peguei meu tênis e minha bolsa com uma velocidade absurda, era momento de voltar para onde o carro nos deixou e assim encontrar algum lugar mais protegido.

Meu corpo que estava desmotivado e o tempo que demorou muito para atravessar na ida, na volta foi em tempo recorde. Rapidamente, em resposta ao medo, reagi com movimentos acelerados e rápidos, não foi preciso de tempo para reajustar em cima da rocha mesmo de pé descalço e sentindo as pedras machucarem meus pés, atravessei com movimentos precisos.

Percebi o quanto que o meu corpo em local de risco e perigo tem uma reação e uma intenção de movimento totalmente diferente das vivências anteriores.

4.3 NUNCA VESTI UMA ROUPA TÃO RÁPIDO!

Estava apavorada... quando pisei na areia tinha duas opções: calçar o tênis ou vestir a roupa. Sem nem pensar, calcei o tênis com uma agilidade que nunca tinha feito antes. Vestir a roupa molhada com meu corpo molhado e por cima do tênis, tão rapidamente, que não entendi como consegui fazer tudo isso em tão pouco tempo e com tamanha precisão.

Agora meu corpo estava agitado e em ALERTA!

4.4 3KM CAMINHANDO

Como ainda era de manhã e tinha chovido muito o micro ônibus não chegaria até nós, tínhamos que voltar para o Povoado Ribeira a pé. Minhas pernas tremiam muito e estava assustada e com batimentos cardíacos acelerados, ainda estava em alerta e atenção constante. Como afirma Liparotti

(2013, p. 30) “Esse estado de percepção constante foi chamado aqui de estado de alerta, ou seja, o corpo precisava estar sempre em prontidão para a resolução e novos problemas a serem enfrentados.”

Durante todo o percurso, conversamos e olhamos a caminhada com um novo olhar, encontrando lugares e coisas que de carro seria mais difícil visualizar. Conseguimos abrigo em uma das casas mais próximas que pudemos, trocamos de roupa, respirando fundo e fomos desacelerando o corpo, a respiração e o enorme susto.



Imagem 21: chegando ao Povoado Ribeira. Registrada por Reijane Santos

Como podemos observar na imagem 21 estamos todas encharcadas devido à chuva. Nesse momento estávamos chegando próximo ao Povoado Ribeira e menos preocupada com toda a aflição que sentimos quilômetros atrás.

4.5 O QUE APRENDI NESSA VIVÊNCIA?

Desta vez, diferente de todas as experiências já vividas em ambiente natural e práticas de dança presenciei uma precisão de movimento que jamais havia identificado em mim, através do susto imediato do raio. Tratando-se do social e fazendo uma comparação ao um ambiente urbano, nosso corpo tende a se comportar conforme o que racionalizamos ou aprendemos como certo e errado, tendo até mesmo com receio de nos impor e expressar. Ou seja, nosso corpo tende a se adaptar com o ambiente em que nos interrelacionamos e nesta a desorganização trouxe uma resposta imediata, uma adaptação diferente.

E essa vivência foi muito importante para meu processo de ensino-aprendizagem do corpo em movimento, com a influência do ambiente externo ativou um impulso corporal interno que me transformou imediatamente. Destaco assim, uma prontidão na intenção do movimento que potencializou minha pesquisa me redirecionando para novas experiências, saindo assim do que já estava quase por adaptado em meu corpo para o “novo”, o “desconhecido” em forma de improvisação:

No que diz respeito ao movimento em si, essencial para que a dança se realize, Laban nos ensinou que é por meio da percepção, da experimentação e da análise em nossos corpos do quê, onde, de como e com quem/o quê o movimento acontece que podemos também criar, transformar e compreender a dança. (Marques, 2003, p.29)

5 RELATO VIVÊNCIA 4

5.1 PLANEJAMENTO

Dia 06 de março de 2020. Neste dia havia feito um planejamento com mais consciência e direcionamento para experimentar. Diante das vivências passadas com o contato no ambiente natural em *in loco* contribuiu para que fosse feito um planejamento mais objetivo.

E através da Vivência 3, com a experiência do fenômeno natural (o raio) que me colocou em uma área de risco e que foi possível observar o meu corpo atento, o planejamento criado para esta Vivência 4 foi baseado em experimentar e improvisar em áreas de risco para mim.

O que planejei e me propus a experimentar era:

- 1) Aquecimento usando a respiração e a pulsação do corpo;
- 2) Trabalhar o desequilíbrio e mudanças de velocidades;
- 3) Buscar uma área de risco e experimentar encaixe e desencaixe e observar se meus movimentos variam e se são mais intencionados;
- 4) Entre o seco e o molhado fazer contato com rolamento e mudança de velocidade.

5.2 PRIMEIRO MOMENTO

Em primeiro momento, busquei concentrar-me na respiração e iniciar um aquecimento de acordo com a movimentação que a respiração e a temperatura corporal e do ambiente natural propositava.

Comecei balançando o corpo para frente e para trás, e logo percebi que estava preocupada em um possível deslize na rocha, então, optei por movimentos sinuosos, entrando em uma área confortável para mim de experimentar movimentações.



Imagem 22: iniciando o experimento. Registrado por Leandro Torres.

Quando iniciei o experimento estava no nível alto, então trouxe movimentos de transferir do nível alto para o médio, sentindo com os pés a rocha

e o desequilíbrio que ela causaria em meu corpo. Com os olhos fechados observei que era uma ação minha durante os experimentos fechar os olhos e buscar o sensitivo e o confortável ao meu corpo com movimentos lentos e fluídos. Intensificando a respiração, Fernandes (2002, p. 41) “A respiração como suporte para o movimento corporal é fundamental no treinamento corporal' do ator-dançarino, estabelecendo uma sincronia para a: expressão simultaneamente corporal e vocal.”

Indo para o plano médio meu corpo buscava equilíbrio usando a parte superior, dobrando os braços na altura do ombro, usando assim os músculos das costas em busca de uma estabilidade.



Imagem 23: buscando o equilíbrio. Registrado por Leandro Torres.

5.3 INSTABILIDADE

Troquei o lugar do experimento, fui então para uma rocha mais alta e mais instável com o objetivo de trazer as mesmas movimentações que iniciei na rocha anterior e aumentar a velocidade das movimentações, porém a intenção do movimento foi modificada devido a instabilidade e o desequilíbrio que desta rocha. Como destaca Liparotti (2013, p. 81):

Ao reagir a uma instabilidade, então, o corpo gera um mecanismo de cocontração e, na maioria das vezes, se estabiliza em uma posição instável. Esta posição pode se caracterizar pela descentralização do tronco deixando de manter um alinhamento anatômico por estar em constante ajuste adaptativo ao ambiente criando posições compensatórias em relação às características de cada subsistema.

Desta forma, os movimentos eram contidos e lentos, os braços abriam em buscar de equilíbrio, como mostra na Imagem 23, e durante as tentativas de subir o tronco havia resistência direcionando meu corpo para ficar em quatro apoios, com isso desta pedra utilizei as mãos nas rochas buscando segurança.

Aqui então, o equilíbrio logo foi encontrado pois, utilizei movimentos lentos e de quatro apoios, de forma corriqueira como geralmente busco experimentar enquanto dança em contato improvisação. Foi possível observar que a rocha e esse local trouxe uma intenção de movimento diferente, mesmo ainda não era uma área de risco para mim que era o meu objetivo nessa vivência, pude então notar mais controle em meus movimentos, um corpo mais ativo que redirecionava os movimentos com continuidade:

O domínio e o controle ficam aparentes pela possibilidade de liberação do fluxo do movimento que passa de ser inicialmente bastante contido e estacado sinalizando medo e *cocontração*, para posteriormente uma liberação e continuidade, o que torna a movimentação mais livre. (Liparotti, 2013, p. 80)



Imagem 24: mudança de rocha. Registrado por Leandro Torres.

5.4 EXPERIMENTANDO O RISCO

Em busca de uma área de risco, fui provocada por Leandro Torres a experimentar um local da Ribeira que haviam pedras e contato com a água, justamente um local do qual pouco busquei improvisar e estar em contato. O risco aqui era na verdade experimentar a gravidade e evitar uma escorregada ou uma queda em pedras lisas.

Assim, que entrei na água os meus pés sentiram as pedras escorregadias e não sentia confiança em meu corpo de fechar os olhos para experimentar. Aqui então, já percebi que ali era uma área de risco pra mim, pois, não foi uma área que os movimentos sinuosos que busco sempre trazer em minhas movimentações estavam presentes, meus braços se abriam buscando equilíbrio meu corpo enquanto fazia movimentos com pés sentindo o deslizamento da própria rocha escorregadia, buscando-me auto-organizar corporalmente.



Imagem 25: iniciando em uma área de risco. Registrado por Leandro Torres.

Com os meus primeiros movimentos conseguir perceber que minha movimentação em contato com a água e o corpo atento por ser uma área mais escorregadia, eram movimentos intencionados, trazia uma tensão, mas também trazia força e resistência, diferente de minhas experiências corriqueiras.



Imagem 26: o corpo quase completo dentro d'água. Registrado por Leandro Torres.

Como mostra a Imagem 26 adentrei totalmente meu corpo na água, apesar de um dia caloroso a água estava fria e as pedras ainda mais escorregadia nessa parte. Iniciei movimentos de encaixe e desencaixe dentro da água, fechando os olhos e buscando deixar a água proporcionar movimentações.

Meu corpo estava mais ativo e firme misturando-se com o ambiente natural, não somente com os registros fotográficos e filmagens como também as minhas percepções sensitivas pude notar que mesmo em área de risco o meu corpo transmitia uma conexão, como se aquele ambiente já estivesse sido experimentando por mim outras vezes.

Arrisquei-me, então, levantar novamente e dançar com o corpo sentindo a roupa molhada com o sol escaldante e o vento que trazia uma mistura de calor com frio. Meu corpo dançou e improvisou mais firmemente de acordo com cada movimentação que ora vindo de mim ora a natureza me provocava.



Imagem 27: Entre o seco e o molhado. Registrado por Leandro Torres.

5.5 O QUE APRENDI NESSA VIVÊNCIA?

Essa vivência, embarquei diferente das outras pois através da experiência da vivência anterior, busquei me preparar mais e experimentar fora da minha zona de conforto. Me desafiei a experimentar o risco de escorregar e cair, em movimentações que antes me geravam medo e travas. Percebi que a provocações dos meus colegas me fizeram ir além na minha improvisação. O que me fez desenvolver um entendimento sobre o estado de prontidão para resolução de problemas.

Aqui, mesmo sabendo a improvisação e a relação com a natureza poderia modificar o planejamento me levando para outros caminhos, percebi que o planejamento criou inicialmente uma improvisação com roteiros e me deu mais segurança para, inclusive me abrir para outras possibilidades fora do planejado.

Testei aumentar a velocidade e percebi que as rochas que eu estava experimentando me suscitavam outra velocidade e outro movimento, assim encontrei nos quatro apoios um modo de responder mais ativamente à aquele ambiente.

A prontidão dos movimentos em reação ao raio na vivência anterior, potencializou a minha dança, agora não somente respondi, mas também estava propondo mais movimentações com intenção diferente das outras vivências, tinha mais domínio do movimento, pude dançar com mais envolvimento com a natureza.

6 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para concluir a observação do processo de ensino-aprendizagem do meu corpo em movimento na dança, rememoro meu entendimento de dança antes de entrar no curso e como este foi transformado, atualizado e reelaborado sobretudo com a escrita de meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Antes de ingressar no curso de licenciatura em dança, a minha visão sobre a dança e critérios de composição coreográfica eram limitados. Eu era uma praticante de balé clássico e pouco assimilava a dança com outras modalidades, pois o novo, o criar, me assustavam. Havia muitos pré-conceitos e questionamentos da minha parte sobre o conceito de dança e até mesmo sobre o entendimento da importância da dança como no processo educativo, inserida na escola.

Eu, como a artista, não via a dança como um papel social e educativo, a via como uma maneira de se expressar, a dança pra mim era vista como um meio de reprodução de passos diante de alguma técnica ou cultura, seja do balé clássico ou da quadrilha.

Com meu processo de formação no curso de Licenciatura em Dança, pude então rever os meus conceitos sobre dança e sair da “caixinha”. Através de muitas disciplinas, em ênfase, as disciplinas de Corpo e Ambiente, Improvisação em Dança, Pedagogia da Dança e Composição Coreográfica fui instigada a sair do meu comodismo, a ver e vivenciar a dança com outro olhar e assim questionar-me “qual o conceito de dança?”, “o que ensinar nas escolas?”

O meu processo tanto no curso quanto na pesquisa do TCC me fez entender a importância do ensino da dança, do modo como ela educa e como é possível se conhecer em si e no mundo. Conforme Marques (2003, p.24) “O fazer-sentir dança enquanto arte nos permite um tipo diferenciado de percepção, discriminação e crítica da dança, de suas relações conosco e com o mundo.”

Na disciplina Corpo e Ambiente experimentei a dança em âmbitos que não pensei que um dia seria visto como uma prática de dança, foi uma das disciplinas que me instigou a pesquisar, investigar e fazer-pensar dança através da improvisação. Tirando as sapatilhas e experimentando as sensações do

ambiente, sentindo o chão, em especial, o ambiente natural e sua forma de interrelação com o corpo humano. Reconheci e ressignifiquei o meu corpo dançante, redescobrir que minhas vivências poderiam ser exploradas em outras estruturas que não fosse um palco ou uma sala fechada.

O que antes era visto como uma loucura para mim, hoje assumo como um dos meios de ensino dança. Marques (2003, p.32):

“[...]incluímos a improvisação e a composição coreográfica como danças a serem ensinadas nas escolas. Tanto uma como a outra são formas de fazer-pensar dança e, portanto, arte. Na verdade, são esses dois processos que mais permitem aos alunos experimentar, sentir, articular e pensar a arte como criadores e sujeitos do mundo.” (MARQUES, 2003, p.32)

Assim, o meu conhecimento sobre a dança foi se modificando, meu corpo foi se transformando. Não era mais vista somente como meio de expressão e alívio de stress, mas sim, como arte, conhecimento, educação. Passei a entender o mundo e me entender, como afirma Marques (2003, p.60) “[...]colocase no plano das conexões entre o mundo da dança e o espaço do ensino de dança seja menos uma forma de escapar do mundo e sim um laboratório para o aluno entendê-lo e para se entender.”

Em conclusão, passei a entender que o processo de ensino-aprendizagem do corpo e da dança não precisa necessariamente acontecer numa sala de dança, nem apenas estar restrito às linguagens técnicas específicas. Pude com este trabalho, experimentar, improvisar, perceber, relacionar, dançar. E assim construí e assumi um novo entendimento de dança para mim mesma.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este estudo retomo meu problema de pesquisa que questiona: Como analisar e descrever a minha relação corpoambiente a partir das vivências de campo, observando o processo de ensino-aprendizagem do corpo em movimento e da dança?

Diante das descrições e análises das vivências assumo que consegui responder o problema proposto, ao realizar análises de movimento, observar minhas respostas corporais e como foi sendo tecida a relação corpoambiente.

Além deste resultado, posso apontar também a minha percepção sobre domínio do movimento, prontidão, escuta corporal e mesmo a afinação da relação e conexão corpoambiente. Além do entendimento sobre a importância do planejamento das ações, sobretudo quando se tratam de vivências que incluem toda uma logística para que resulte no melhor aproveitamento de tempo.

O aprendizado do planejamento também me fez refletir sobre as imprevisibilidades e aberturas de outros caminhos na pesquisa. E aponto também como resultado o entrosamento e intervenções da equipe, tanto no apoio, quanto nas provocações para aprofundamento das improvisações.

Sentir a cada vivência que mesmo sendo no mesmo ambiente, este era sempre uma novidade, e o meu corpo era sempre um novo corpo mesmo com os preparos. Pois, o ambiente era cada dia diferente e o meu corpo sempre se readaptava aquele ambiente natural.

Desta maneira, foi possível notar que minhas qualidades de movimentações mudaram de acordo com o ambiente natural, e notei que as experiências com o risco ao invés de limitar minhas movimentações, tornaram-se, na verdade, uma potência na criação em dança.

Concluo assim, que o ambiente natural se torna um parceiro na improvisação, cada vez mais corpoambiente, juntos, dançando, aprendendo e ensinando.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Marta Oliveira. **Corpo-natureza e educação háptica** – a dança como proposta ecossomática da sensopercepção, 2021.

ESCÁPULA. **Kenhub**. Disponível em: <https://www.kenhub.com/pt/library/anatomia/escapula>. Acesso em 15 Mar. 2024

FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal**: da arte do movimento à Abordagem Somático-Performativa/Ciane Fernandes, contribuições de Melina Scialom e Dalton Carneiro. Salvador; EDUFBA, 2018.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento**: o sistema Laban. São Paulo, Annablume, 2002.

FUKUDA, Thiago. **Metatarso: Lesões, Fraturas e Sintomas**. 2023. Disponível em: <https://www.institutotrata.com.br/metatarso/>. Acesso em 15 Mar. 2024

GREINER, Christine. **O Corpo**: Pistas para Estudos Indisciplinares. Annablume, 2005.

KATZ, Helena e GREINER, Christine. “Por uma teoria corpomídia” in: O corpo: Pista para Estudos Interdisciplinares, São Paulo: Annablume, 2005. (p. 125-133).

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento, Lisa Ullmann (org.). São Paulo: Summus, 1978.

LIPAROTTI, Thábata Marques. **Dança e adaptabilidade**: Processos de comunicação entre corpo e ambiente. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

Liparotti, Thábata Marques. **CARTAS COMO POTÊNCIAS DE VIDAS**: Tecendo implicações d(n)o corpoambiente enquanto estratégia artísticopedagógica. 2023. 160f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2023.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MOMMENSONHN, Maria; PETRILHA, Paulo. **Reflexões sobre Laban**: O mestre do movimento. Editora Summus, 2006.

NEDER, Fernando. **Contato improvisação:** Origens, influências e evoluções. Gens, fluências e tons. UNIRIO-CLA, 2005.

POÇÕES DA RIBEIRA. Disponível em:
[https://expressaosergipana.com.br/pocoos-da-ribeira-itabaiana-se-como-
chegar-e-outras-dicas/](https://expressaosergipana.com.br/pocoos-da-ribeira-itabaiana-se-como-
chegar-e-outras-dicas/). Acesso em 20 Mar 2022.

SANTINHO, Gabriela Di Donato Salvador; OLIVEIRA, Kamilla Mesquita. **Improvisação em Dança.** Guarapuava, UNICENTRO, 2013.